



Recensão / Review

VAN DER MEEREN, Sophie – *Entrer en philosophie. La fonction psychologique des premiers “Dialogues” d’Augustin. Série Antiquité, 212. Turnhout: Brepols, 2023, 504 pp.*

João Victor de Souza Silva

Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Filosofia
Juiz de Fora - Minas Gerais - Brasil

joavictor.souza@estudante.ufjf.br
<https://orcid.org/0000-0002-6449-8122>

Data recepção do artigo / Received for publication: 2 de julho de 2024

DOI: <https://doi.org/10.4000/134bm>



Sophie Van der Meeren é uma pesquisadora francesa da Université Rennes 2. Suas pesquisas estão relacionadas aos gêneros de discursos filosóficos entre gregos e latinos, com ênfase ao uso do protréptico como gênero persuasivo com grande uso na antiguidade¹. Ademais, também se debruça sobre as relações do cristianismo com a filosofia clássica, de modo que o pensamento de Agostinho se coloca em seu radar.

Agostinho de Hipona, ou Santo Agostinho, como é comumente conhecido, é tido como um dos principais luminares do pensamento ocidental, cuja influência, certamente, não se limita apenas ao âmbito religioso, mas perpassa a sociedade, na medida em que seu pensar filosófico sempre é resgatado diante de questões envolvendo, *e. g.*, a relação entre liberdade e determinismo, natureza humana e questões concernentes à filosofia da mente. Contudo, não são para essas questões, tão presentes nas suas obras de maturidade, que Sophie direciona sua pesquisa. Pelo contrário, ela se debruça para um momento específico da filosofia de Agostinho, *i. e.*, para suas obras de juventude escritas durante seu *otim philosophicum*, no sítio de seu amigo Verecundo, em 386 d.C., nos arredores de Milão, enquanto se preparava para o seu batismo². Essas obras, intitulam-se: *Contra Academicos*, *De Beata Vita*, *De Ordine* e *Soliloquia*. Sua intenção é a de demonstrar como os diálogos de Agostinho podem revelar uma função psicagógica que se realiza naqueles que participam do diálogo, enquanto participantes, ou seja, interlocutores ativos, mas também como leitores que, não só leem, mas são convidados a adentrarem no diálogo para uma reflexão a respeito de suas próprias ações e movimentos do pensamento racional.

Com essa intenção, Sophie, com primazia, faz uma pesquisa que, possivelmente, nenhum outro pesquisador havia feito a respeito da relação entre “forma” e “fundo” nas obras de juventude de Agostinho. Sua abordagem, antes de tudo, pressupõe que Agostinho não escreveu em forma de diálogo de modo casual, sem preocupações

¹ Cf. VAN DER MEEREN, Sophie – *Exhortation à la philosophie : Le dossier grec Aristote*. Paris : Les Belles Lettres, 2011; VAN DER MEEREN, Sophie – “Le protreptique en philosophie : essai de définition d’un genre”. *Revue des Études Grecques* 115 (2002), pp. 591-621.

² Cf. CATAPANO, Giovanni – *Agostino*. Roma: Carocci Editore, 2010.

sobre o melhor gênero textual a se utilizar. Indo de encontro com essa perspectiva, sua análise revela uma intencionalidade, uma necessidade de se escrever de certa forma, de modo que toda a estrutura externa e interna da obra agostiniana estaria conectada com o conteúdo filosófico abordado por Agostinho. Assim, *Entrer en philosophie. La fonction psychologique des premiers "Dialogues" d'Augustin*, apresenta-se estruturado em quatro partes: I) Diálogo literário e filosófico: questões de hermenêutica; II) Questões e finalidade da psicagogia; III) *Societas disserentium*; e, IV) Transformações e transposições.

Na primeira parte, sua investigação se preocupará em fazer um levantamento sobre o estado da arte. Ela apresentará as obras que se dedicaram a analisar as obras de juventude de Agostinho, dando ênfase às avaliações concernentes ao gênero literário das obras, bem como suas características. A partir desse levantamento, Sophie, como alguém que está a peneirar, mostra-nos lacunas, mas também observações importantes presentes nessas pesquisas. Com isso, ao mesmo tempo em que avalia as características do diálogo literário, ela também mostra como Agostinho modela o gênero de modo a fazê-lo como instrumento para fins filosóficos, porque o diálogo não é apenas útil, mas é a apresentação do que, de fato, seria o fazer filosofia, afinal, filosofia é uma discussão (*disputatio*) que se realiza entre interlocutores que promovem um vaivém de perguntas e respostas com a finalidade de esclarecer uma questão abordada, além de avaliar sua sustentação. Ademais, nesta parte, Sophie também aborda problemas de historicidade e princípios de hermenêutica que deveriam estar claros para que a leitura e análise dos diálogos pudesse avançar.

Na segunda parte, ao contrário da primeira, onde houve maior atenção dada ao *Contra Academicos*, a investigação avança ao apresentar similaridades entre ambos os diálogos de Agostinho, mas não apenas isso, Sophie Van der Meeren parece revelar uma continuidade entre os diálogos *Contra Academicos* e *De Beata Vita*, que são vistos como tendo uma finalidade de discutir sobre a própria verdade (*ipsa veritas*), *i. e.*, a finalidade do homem, aquilo que todos buscam com vistas a ser feliz. No *Contra Academicos*, obra que apresenta um embate contra as perspectivas cétricas da Nova Academia que, por sua vez, negava a possibilidade de se encontrar a

verdade, o que para Agostinho era considerado um grande problema ético, pois o que fazer se não se pode encontrar a verdade? Buscar para algo que se sabe que não vai encontrar? Melhor seria, portanto, não buscar, pois ao menos não se cansa de procurar algo que não se pretende encontrar. Contra isso, com intenções de eliminar a desesperança que o ceticismo poderia provocar, Agostinho refuta suas teses e restaura o ânimo de se buscar a verdade; nesse ínterim, *De Beata Vita*, revelar-nos-ia o que seria a vida feliz, uma vida que seria alcançada por intermédio da filosofia, aliás, é no “porto da filosofia” — aqui, aludimos à metáfora da viagem marítima que Agostinho apresenta em seu diálogo — que o homem inicia a jornada rumo à felicidade. E, isso, dar-se-á por meio do que Sophie chama de *exercitatio animi*, sendo seu método apresentado no *De Ordine*.

Avançando para a terceira parte do livro, Sophie analisa toda a cenografia presente nos diálogos. Ela observa que a luz, o tempo e a construção do cenário — ao tratarmos do cenário enquanto uma construção, ou idealização, com isso, não se pretende negar a historicidade dos diálogos, mas abordá-los como uma obra literária, um drama que nos é apresentado — são fundamentais para a finalidade que Agostinho pretende atingir. Ademais, também mostra as diversas partes (*pars*), ou momentos dos diálogos, o que oferece uma compreensão da própria disposição do discurso filosófico que Agostinho deseja incutir. Pode-se perceber, assim, que existem certas necessidades em um diálogo filosófico, há momentos específicos onde o discurso apresenta um tom mais heurístico, mas também combativo; há momentos de reflexão, e momentos que, dada a dificuldade de avançar com os argumentos, far-se-á necessária a interrupção do debate e voltar a abordá-lo posteriormente em uma condição mais propícia. Por fim, ao apresentar a organização do diálogo, Sophie também revela o conteúdo dialético das obras de juventude do futuro bispo de Hipona. Definições, delimitações e críticas, fazem parte de todo o arcabouço filosófico necessário para uma boa discussão, nos termos propostos por Agostinho.

Na quarta e última parte da sua pesquisa, Sophie apresenta como o diálogo é um gênero em transformação no diálogo agostiniano. O diálogo de Agostinho é inspirado nos modelos platônicos e ciceronianos, mas também extrapolam essas

bases, visto que, em sua originalidade, Agostinho leva o gênero a um patamar onde eles são compreendidos como instrumentos para a efetivação de uma conversão, transformação, quer-se dizer, uma guinada, ao modo de uma completa mudança de modo de vida, tão presente nas escolas helenísticas da antiguidade. Esse processo que a autora chama de psicagogia, é uma completa mudança de paradigmas levada a cabo por meio das reflexões conduzidas dentro do diálogo, as quais convidam o interlocutor a adentrar à filosofia, sendo ela capaz de levar o homem a autorreflexão, *i. e.*, ao regresso para dentro de si, característica essencial do diálogo entre Agostinho e sua própria razão no diálogo *Soliloquia*.

Com sua pesquisa, portanto, Sophie contribui para o atual estado da arte a respeito dos estudos das obras de juventude de Agostinho, as quais, ao longo do tempo, recebem atenção como textos capazes de revelar o estado psicológico de Agostinho nesse momento, mas não recebem a devida atenção como obras estritamente filosóficas³. Desse modo, a pesquisa contribui, também, para uma nova abordagem das obras, que podem ser avaliadas de modo holístico, como um projeto pedagógico que é desempenhado ao longo do *Contra Academicos*, *De Beata Vita*, *De Ordine* e *Soliloquia*. Além disso, ao abordar o gênero textual dialógico, a presente pesquisa também lança luz à apropriação do gênero na antiguidade tardia e posteridade, dada as influências dos textos agostinianos no decorrer da Idade Média. Assim, *Entrer en philosophie* enquadra-se entre os mais recentes e atualizados estudos das obras de juventude de Agostinho, apresentando um Agostinho que, talvez, não receba a devida atenção nos círculos acadêmicos, quer-se dizer, um Agostinho filósofo, cuja menção ao cristianismo é mais restrita, haja visto que no momento de composição das suas primeiras obras, a influência da cultura e educação pagã ainda eram extremamente forte nesse período, sendo claramente possível reconhecer distinções entre o Agostinho dos diálogos e aquele que conhecemos a partir das suas *Confessiones*.

³ Cf. MOURANT, John A. – “Augustine and the Academics”, *Recherches Augustiniennes* 4 (1966), pp. 67–96; HEIL, John – “Augustine’s Attack on Skepticism: The *Contra Academicos*”. *Harvard Theological Review* 65/1 (Jan. 1972), pp. 99–116; ROBERTS, David E. – “Augustine’s Earliest Writings”. *Journal of Religion* 33/3 (July 1953), pp. 161–81.

Referências bibliográficas

Fontes impressas

VAN DER MEEREN, Sophie – *Entrer en philosophie. La fonction psychologique des premiers "Dialogues" d'Augustin*. Série Antiquité, 212. Turnhout: Brepols, 2023.

Estudos

CATAPANO, Giovanni – *Agostino*. Roma: Carocci Editore, 2010.

HEIL, John – "Augustine's Attack on Skepticism: The *Contra Academicos*". *Harvard Theological Review* 65/1 (Jan. 1972), pp. 99–116.

MOURANT, John A. – "Augustine and the Academics". *Recherches Augustiniennes* 4 (1966), pp. 67–96.

ROBERTS, David E. – "Augustine's Earliest Writings". *Journal of Religion* 33/3 (July 1953), pp. 161–81.

VAN DER MEEREN, Sophie – "Le protreptique en philosophie: essai de définition d'un genre". *Revue des Études Grecques* 115 (2002), pp. 591-621.

VAN DER MEEREN, Sophie – *Exhortation à la philosophie: Le dossier grec Aristote*. Paris: Les Belles Lettres, 2011.

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

SOUZA SILVA, João Victor – “VAN DER MEEREN, Sophie – *Entrer en philosophie. La fonction psychologique des premiers “Dialogues” d’Augustin*. Série Antiquité, 212. Turnhout: Brepols, 2023, 504 pp.” *Medievalista* 37 (Janeiro – Junho 2025), pp. 367-373. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)